



## Um modelo de escrita de história literária regional: o exemplo da Região do Ruhr (Alemanha)\*

Rolf Parr\*\*

### Resumo

Como escrever uma história literária regional do Ruhr (aqui tomada como exemplo para a escrita de outras histórias literárias regionais), sem simplesmente recair sobre autores e cronologias? E como considerar o fato de que a Região do Ruhr, entre 1960 e 2010, modificou-se mais de uma vez, e que comunidades e cidades inteiras compartilharam do desaparecimento da indústria do aço e do carvão como fatores marcantes da economia local? Com esse pano de fundo, o presente artigo, a partir da noção de “pontos nodais”, desenvolve um modelo para a escrita de histórias literárias regionais e o situa no contexto das tentativas de cartografar literária e culturalmente a literatura regional.

**Palavras-chave:** Escrita de história literária regional; Região do Ruhr; “pontos nodais”.

### Zusammenfassung

Wie lässt sich eine regionale Literaturgeschichte des Ruhrgebiets (als Beispiel für andere Regionen) schreiben, ohne zu einfach nach Autoren oder der Chronologie vorzugehen? Und wie wird man der Tatsache gerecht, dass sich der Gegenstand ‚Ruhrgebiet‘ über die Zeitspanne von 1960 bis 2010 hinweg mehrmals verändert hat, dass ganze Städte und Gemeinden hinzukamen, dass Kohle und Stahlindustrie als prägende Faktoren fortgefallen sind? Vor diesem Hintergrund entwickelt der Beitrag das Modell einer nach ‚Knotenpunkten‘ organisierten regionalen Literaturgeschichtsschreibung und stelle es in den Kontext der bisherigen Versuche regionale Literatur literatur- und kulturwissenschaftlich zu kartographieren.

**Schlüsselwörter:** Regionale Literaturgeschichtsschreibung; Ruhrgebiet; „Knotenpunkte“.

---

\* Este ensaio é uma versão ampliada de PARR, Rolf. Projeto de uma “História da Literatura no Ruhr desde 1960”. In: CASPERS, Britta; HALLENBERGER, Dirk; JUNG, Werner; PARR, Rolf (Orgs.). *Teorias, modelos e problemas da história literária regional* [Theorien, Modelle und Probleme regionaler Literaturgeschichtsschreibung] Essen: Klartext, 2016, p. 5-29 (Schriften des Fritz-Hüser-Instituts für Literatur und Kultur der Arbeitswelt, v. 30). © Rolf Parr.

Tradução e revisão do alemão para o português: Ana Seerig, Gerson Roberto Neuman, João Claudio Arendt e Marianna Ilgenfritz Daudt.

\*\* Dr. Rolf Parr é professor de Ciências da Mídia e da Literatura na Universidade Duisburg-Essen (Alemanha). Coordena o projeto de pesquisa “História da Literatura da Região do Ruhr desde 1960”. Seus interesses de pesquisa são história da mídia, da cultura e da literatura entre os séculos XVIII e XXI, escrita de histórias literárias regionais, teorias do discurso e relações entre literatura e mídia.

A ESCRITA DA HISTÓRIA LITERÁRIA REGIONAL traz consigo dificuldades que ultrapassam às da tradicional historiografia literária filológica nacional. A esse cenário pertencem a constituição do tema que diz respeito à visão da região escolhida, à questão em torno da relação entre regionalidade, história regional e escrita da história literária regional, bem como à presença da globalização na regionalidade. O último caso dá-se, especialmente, quando se tratam de regiões industriais, que apresentam características bem constituídas de globalização na regionalidade. Isso porque a visão de regionalidade e de globalidade questiona os limites do referencial de literatura nacional, tão importante para a historiografia literária tradicional, em termos tanto territoriais quanto linguísticos. A partir daí, a escrita da história literária regional deve desenvolver seu conceito para além de tais binarismos como “globalização” *versus* “localidade” e “centro” *versus* “periferia”.

### **1. O ponto de partida**

O ponto de partida para o projeto “História da literatura da Região do Ruhr desde 1960”<sup>1</sup>, da Associação de Pesquisa Alemã (Deutsche Forschungsgemeinschaft – DFG), foi o fato de, até então, não haver nenhum registro preponderante da literatura da Região do Ruhr que levasse em conta mudanças, revoluções, acontecimentos e desenvolvimentos histórico-literários desde o começo dos anos 1960. O único trabalho monográfico existente até aqui – além de alguns ensaios que, em sua maioria, não foram escritos a partir de uma perspectiva científica genuinamente literária – é a dissertação de Dirk Hallenberger (2000), que se encerra com o registro de 1961. Com a fundação do “Dortmunder Gruppe 61”, contudo, é justamente esse ano que constitui um importante marco para o desenvolvimento futuro tanto da Região do Ruhr – e sua ainda hoje contínua mudança de estrutura –, quanto da literatura da Região do Ruhr. Isso porque, paradoxalmente, o “Dortmunder Gruppe 61” levou, ao mesmo tempo, tanto à constituição de um contexto próprio de comunicação regional e literário do Ruhr, como a uma integração da literatura do Ruhr com a alta literatura tradicional (Hochliteratur), por um lado, e com a literatura vanguardista do período, por outro. Tal fato pode ser observado nos exemplos de Max von Grün e Erika Runge, entre outros.

---

<sup>1</sup> Fazem parte deste projeto: Dra. Britta Caspers, Dr. Dirk Hallenberger, Prof. Dr. Rolf Parr e Prof. Dr. Werner Jung.

## 2. Áreas problemáticas da historiografia literária regional

Para tal projeto de escrita da história literária regional do Ruhr, é necessário que se considerem duas situações-problema. Em primeiro lugar, ela se relaciona com os problemas fundamentais de historiografia literária, tal como esclareceu recentemente uma coletânea de Matthias Buschmeier, Walter Erhart e Kai Kauffmann (2014); e, em segundo lugar, ela também tem relação com os problemas específicos da historiografia literária regional. Por mais trivial que pareça, a escrita da história literária regional é também uma forma de *historiografia* literária, a qual deve produzir relações: entre números, dados e fatos de proveniência literária (como, por exemplo, as datas de publicação dos textos, os dados biográficos dos autores); entre conteúdos e estéticas dos textos; elementos e informações de cunho social, político, econômico, filosófico, historiográfico; e, não por último, considerar o caráter regional – entendendo-se essa última categoria como transversal. Isso, por outro lado, pode ser realizado por meio de enumerações externas (por exemplo, pela data de publicação) ou da apresentação de algum tipo de lógica de desenvolvimento (MEIER, 1996). Nesse segundo caso, vale mencionar, por exemplo, o gradual estabelecimento de uma ideia, um estilo, um método de escrita ou também de um conteúdo que se torna expressivo. O primeiro método orienta-se no sentido de registrar e enumerar informações, compondo um inventário aditivo de informações; o segundo apresenta, por sua vez, uma forma de análise ordenada e, com isso, ao mesmo tempo, de interpretação, na qual algumas formas mistas podem ser encontradas, tal como uma crônica comentada e enriquecida com exemplos de textos e materiais (GÖDDEN, 2016). Todas essas formas de “produção de relações” parecem se tornar complicadas, “conforme se aproxima o presente”, pois “a imagem que esse trabalho panorâmico oferece” apresenta-se “cada vez mais fragmentada” (MISSINE; EICKMANS, 2015, p. 515).

Um segundo problema que se torna visível no ponto de transição entre o mero registro dos fatos e a representação narrativa de um curso temporal com base nas decisões de seleção, é qual história deve realmente ser contada. Toda narrativa, incluindo a das histórias da literatura – tanto no estudo literário quanto no estudo histórico (PFAFFENBERGER, 1981; WHITE, 1991) –, necessita de um arco narrativo, no qual, ao mesmo tempo, números, datas e fatos, bem como as conexões produzidas possam ser suspensos como se juntos formassem uma corda-mestra. Esses arcos narrativos, no entanto, combinam a historiografia literária com modelos históricos de procedências bastante diversas, tais como progressões lineares continuadas, a afirmação de um

movimento histórico contra resistências, a correlação de acontecimentos históricos e literários, e progressos e recuos. Por isso, é preciso que esteja claro para a historiografia literária regional que ela é sempre uma construção baseada em interesses da narrativa historiográfica. Para escapar dessa e de outras problemáticas, a teoria da literatura – como apontou Martin Huber (2012) – distanciou-se frequentemente da historiografia literária (SCHMIDT, 2015) e se voltou mais intensamente para as seções históricas que permitem considerar períodos de tempo menores como entidades sincronizadas. Parece que o *boom* de pesquisas dos campos literários constatado nos últimos dez anos, no sentido de Pierre Bourdieu – um exemplo disso é o trabalho de doutorado de Heribert Tommek (2015) sobre o campo literário na Alemanha entre 1960 e 2000 –, também é motivado pela tendenciosa descarga de narrativas históricas e seus problemas, pois o campo teórico de Bourdieu é baseado, em última instância, no sincronismo. Contudo, deve-se constatar que – embora muitas vezes de forma não explícita – o conhecimento histórico-literário constrói a base tanto para “o interpretar e o compreender, o contextualizar e o editar” do conhecimento literário, quanto para “o teorizar” (SCHMIDT, 2015).

Como terceira problemática, emerge a referência ao destinatário das representações histórico-literárias e, com ela, a questão em torno das funções que a escrita da história literária pode ou deve desempenhar: fornecer panoramas, produzir conexões, indicar linhas evolutivas, oferecer orientação, servir como possibilidade de consulta – e tudo isso para um público não-universitário amplo, assim como para a finalidade de auto-certificação do espectro do conhecimento literário sobre a situação dos próprios conhecimentos, ou com intuítos didáticos.

Se essas são, na verdade, situações-problema e condições essenciais suficientes para serem levadas em consideração, então surge, no caso especial da escrita da história literária regional, uma quarta situação-problema com outras peculiaridades: a questão da constituição do objeto. Se, no plano nacional da história da literatura, ainda se coloca “a literatura alemã” (eventualmente com delimitações como “nova literatura alemã”) como objeto, então é muito mais difícil de se especificar o objeto da escrita da história literária regional. Assim, o que se pode entender, por exemplo, por literatura da Região do Ruhr? A Região do Ruhr, conforme Joachim Wittkowski já chamou a atenção, não é

evidente nem na medida geográfica, nem na governamental e nem na disposição histórica de sua fronteira: geograficamente, a noção original de “Região do Ruhr” abrangia as terras nas áreas central e inferior do Ruhr; hoje se veem as fronteiras para além disso, incluindo ambos os lados da região central e inferior; a extensão Oeste-Leste estende-se do Reno até Kamen ou, até mesmo, até Hamm. Historicamente, fala-

se do Ruhr como uma região cuja identidade formou-se gradualmente apenas a partir do começo da industrialização. (WITTKOWSKI, 2014, p. 182)

Nesse sentido, tomando como base os produtores de literatura, questiona-se: quando um texto pertence à literatura da Região do Ruhr? Quando uma autora é uma autora da Região do Ruhr? Semelhantemente ao debate sobre a literatura trabalhista e feminina, entram em questão na constituição do objeto da literatura regional as três opções: *de*, *sobre* e *para*. São relevantes apenas textos e autores *do* Ruhr? Ou também textos *sobre* o Ruhr, escritos por uma autora que vive em Hamburgo (como Brigitte Kronauer, nascida em Essen), ou por um autor de Berlim (como Ralf Rothmann, criado em Oberhausen), mas que não são endereçados *apenas* ao público do Ruhr? Ou somente aquela literatura que cumpre a terceira condição: *para*?

Na solução buscada com a “História da Literatura do Ruhr desde 1960” para essa problemática, registra-se o que é relevante para a comunicação sobre a literatura *na* Região do Ruhr. Isso significa que é tomada por base uma noção funcional-comunicativa da literatura, que – como Regina Hartmann sucintamente formulou – “entende a literatura como forma de movimentação em condições regionais específicas” (HARTMANN, 1997, p. 586). A regionalidade, assim, será concebida “não mais como estrutura territorial unificada”, “mas como a expressão de uma organização especial de relações sociais locais” (AMANN, 2016, p. 38), que estão em constante mudança e em constante reorganização. Resulta disso “uma dificuldade” para a escrita da história literária regional em obter um panorama concreto desses “fugazes espaços regionais” (AMANN, 2016, p. 37). Se se quiser analisar desse modo a definição do objeto “literatura regional”, será necessário dialogar com Jürgen Joachimsthaler (2002; 2016), em um duplo campo de visão, ao mesmo tempo sobre a literatura *em* uma região e sobre a regionalização da sua literatura. De outra maneira, a perspectiva também pode ser formulada a partir da terminologia de Jens Stüben: uma história da literatura da Região do Ruhr deve ter como interesse a “literatura *na* região”, na situação especial de uma “literatura *da* região”, incluindo “a literatura *sobre* a região” (STÜBEN, 2002, p. 56s.; ver também HERMSDORF, 1993).

### **3. Modelos de escrita da história literária regional**

Tendo as referidas problemáticas como pano de fundo, uma história da literatura regional (como a da literatura do Ruhr) deve, paralelamente ao estudo da literatura regional em si e do material de fontes pertencentes a ela, ocupar-se criticamente com os

problemas teóricos da escrita da história literária regional e pesquisar como se podem, afinal, em consonância crítica com os trabalhos já existentes sobre a escrita da história literária regional, e sob a inserção das abrangentes abordagens teórico-globalizantes e teórico-espaciais, analisar as literaturas regionais e como se pode escrever sua história – contudo, para além de “fórmulas fixas de identidade regional” (AMANN, 2008, p. 14), as quais, já de saída, estão estabelecidas e, então, reproduzindo-as, são apenas confirmadas.

Para tanto, foi possível recorrer a toda uma série de trabalhos e abordagens teórico-metodológicas existentes, observando-se que, desde o início da historiografia literária germanístico-nacional, a visão dos espaços literários regionais pertence aos objetos de pesquisa ciclicamente bem-sucedidos (LINDNER, 1994). Norbert Mecklenburg (1982; 1986; 1991) identifica três direções principais, as quais são apresentadas brevemente a seguir.

Um primeiro tipo de escrita da história literária regional é construído por correlações “primariamente problemáticas em relação à matéria, ao motivo e ao problema, ou seja, tematólogicas” (MECKLENBURG, 1991, p. 16), de região e literatura. Uma região apresenta-se, assim, como um tema comum de textos e autores, independentemente do fato de os escritores e as escritoras serem ou não naturais dela. No caso de um desequilíbrio em razão da distância entre um e outro, não deve ser esquecido o procedimento histórico motivador da pesquisa do objeto, pois, dependendo das opções teóricas, pode-se declarar “autor” ou “texto literário” como relativamente autônomo diante das referências regionais e resolver a peculiaridade literária. Esse tipo pode ser expandido na forma de uma reconstrução histórica de experiências locais, de análise simbólica de paisagens (PARR, 2011), assim como na perspectiva diacrônica da pesquisa de locais de memória. Ele é, porém, menos apropriado para a representação de períodos histórico-literários.

Uma segunda tipologia é a das recentes abordagens sócio-históricas, que levou, “depois de uma longa estigmatização do tema” (MECKLENBURG, 1981, p. 16), no início dos anos 80, a um certo *boom* da pesquisa literária sobre a relação entre região e literatura (OELLERS, 1979 e 1992; BREUER, 1986; ECKER, 1989; BÖHLER, 1993; HARTMANN, 1997; MALER, 1997; WAGNER-EGELHAAF, 2001). A tal período pertence também a tese de doutorado de Norbert Mecklenburg, publicada em 1982, “Província narrada” [Erzählte Provinz]. O objetivo desse trabalho, *ainda* motivado

historicamente e, ao mesmo tempo, *já* orientado pela literatura sociológica, é contestar o antigo estereótipo científico-literário da relação recíproca entre regionalismo e modernidade, a exemplo do romance moderno desde a virada do século. Por regionalidade, é “compreendida a certeza rural-provincial do local representado” – sendo o corpus de textos nitidamente reduzido. Para Mecklenburg, “a compreensão de regionalidade é, desde aí, uma *representação* temática e de conteúdo do regionalismo no sentido de uma pequena localidade” (UNGERN-STERNBERG, 2003, p. 102). Com isso, a regionalidade não é mais uma categoria pré-literária, mas, sim, poetológica [poetologische], pois “regionalidade indica”, então, “um momento estruturado de textos literários em si” (UNGERN-STERNBERG, 2003, p. 102). Torna-se difícil, contudo, para tal concepção de regionalidade, orientada a partir de pequenas localidades territoriais subnacionais, estabelecer uma conexão com formas sobrepostas da escrita da história da literatura, pois ela “se dá “ – afirma Klaus Hermsdorf – “em direção ao aprisionamento de um conceito literário dividido, o qual repousa na ignorância recíproca entre autores-cânones da ‘grande’ história da literatura e do que é definido como ‘literatura regional’” (HERMSDOF, 1999, p. 13s.). Com isso, essa abordagem dificilmente seria adequada para a escrita da história da literatura de uma região com “grande” movimento literário e, ao mesmo tempo, com uma “pequena” literatura relacionada à região.

Enquanto Mecklenburg ocupa-se da regionalidade como estrutura textual específica, o “projeto modelo” histórico-literário de Renate von Heydebrand (1983) para a “Literatura na província de Westfália”, entre 1815 e 1945, refere-se à “totalidade da vida literária” (UNGERN-STERNBERG, 2003, p. 95), ou seja, refere-se à vida literária de uma região como tecido social na recém estabelecida nova província prussiana da Westfália, desconsiderando as fronteiras regionais convencionais. Heydebrand mostra como é criado um território até então difuso em um recorte de espaços díspares sobre literatura em um processo regional de desenvolvimento de uma nova identidade. Com essa ênfase na “história social da comunicação literária e de suas instituições”, a existência de uma “literatura westfaliana” é compreendida como um constructo. Com isso, passa ao primeiro plano o interesse em se compreender o processo de estabelecimento de uma “consciência westfaliana” por intermédio da literatura. Uma região não requer necessariamente uma literatura regional para existir, mas a literatura constitui um sentido de mentalidade regional que não havia anteriormente. Isso também se aplicaria, sobretudo, à região do Ruhr, porém, o processo de sua “invenção” e, portanto,

também de sua literatura, ocorre, em um primeiro momento, já nas décadas de 1920 e 1930 (PARR, 2011) e, posteriormente, no período de análise (de 1960 até os dias atuais), em um processo de constante modificação e renovação.

Ao passo que ao trabalho de Heydebrand segue um “conceito funcional-comunicativo de literatura e região” (MICHLER, 2007, 26), a autora apresenta o oposto de um antigo terceiro tipo de convergência entre literatura e regionalidade, em que se questionam as semelhanças entre escritores provenientes de uma região, uma questão que pode ser geográfica e/ou genealógicamente acentuada. Tal conceito geo-etnológico de construção de semelhanças, associado principalmente ao nome de Josef Nadler e de sua “História da literatura das tribos e paisagens alemãs” [Literaturgeschichte der deutschen Stämme und Landschaften] (1911-1927), permanece válido, ainda que o requerido trabalho de construção de semelhanças seja delegado aos leitores. Nessa “compreensão mundana do antigo modelo regional”, como Amann o denomina,

tratam-se de caracterizações coletivas, com as quais são relacionadas quase que automaticamente concepções de especial estabilidade e homogeneidade a uma estrutura social, possivelmente também concepções de um *habitus* específico, que é estabelecido por costume e depois transmitido como tradição. Ignorando-se os diferentes contextos de uso de tais atribuições, tornam-se perfeitamente reconhecíveis os paralelos estruturais entre regionalismo e nacionalismo. (AMANN, 2016, p. 32)

De uma perspectiva científico-literária, esse terceiro tipo de regionalidade “pode ser compreendido como uma expressão de monoculturalidade” e, de fato,

na medida em que exatamente esse conceito de regional se refere à terra natal e, talvez, mais efetivamente do que o conceito de nacional, parece enfatizar de maneira quase evidente a coesão essencial do espaço para a constituição de uma sociedade e de sua cultura. (AMANN, 2016, p. 32)

Uma alternativa às três formas de abordagem citadas seria um quarto modelo, que consistiria em compreender e investigar uma região e/ou cenário como objeto de fascínio de texturas literárias e culturais (literatura, jornais, cinema, televisão) no sentido mais amplo, questionando como esse objeto e sua complexa estrutura semântica potencial pode ser levado em consideração de forma significativa do ponto de vista de um estudo literário de orientação teórica (inter)discursiva (PARR, 2007 e 2011). Então já não se trataria mais de uma literatura *determinada* pela regionalidade, mas de uma literatura *associada* à regionalidade. Tal abordagem teórico-interdiscursiva questiona os elementos discursivos igualmente atribuídos a textos e regiões para além das teorias literárias de ecos marxista-sociológicas da mais antiga proveniência, que consideram a literatura como um retrato da realidade social (conforme exemplo de Lukács [1963]). Dessa forma, regiões e

regionalidades – como Roger Vorderegger (2016) apontou, partindo de uma perspectiva diferente, em recurso a Joachimsthaler (2002, p. 491) – podem ser compreendidas como “espaços culturais compactos”. Essa concepção é corroborada, de maneira bastante diversa, pelo estudo de Heydebrand (1983) e pelo estudo cultural-geográfico de Hermsdorf (1999).

### 3.1 Trabalhos sobre a literatura da Região do Ruhr

Uma primeira revisão também polêmica da “atual literatura da Região do Ruhr” foi realizada por Erhard Schütz (1986), em forma de ensaio. Com pouco tempo de diferença, Siegfried Grosse, linguista da cidade de Bochum, apresentou o artigo de revisão “A Região do Ruhr na literatura”, que abrange o início do período industrial, até o “Círculo Literatura do Mundo Operário”<sup>2</sup> [Werkkreis Literatur der Arbeitswelt] e termina (GROSSE, 1990) com Jürgen Lodemann, autor de *Anita Drögemöller e a tranquilidade junto ao Ruhr* [Anita Drögemöller und die Ruhe an der Ruhr] (1975) e *Praça Viehofer de Essen ou a última revolução* [Essen, Viehofer Platz oder Die Letzte Revolution] (1985 [1997]). Extremamente pertinente é a compilação de diversos nomes, datas e fatos, muitas vezes de difícil acesso. Com base em uma definição de literatura do Ruhr compreendida em termos de tópico e motivo, são destacados e apresentados alguns autores considerados representativos como amostra de um contexto, normalmente sócio-histórico. Dado que a descrição de Grosse é baseada principalmente em antologias da literatura da Região do Ruhr, faltando algumas pesquisas próprias, a recepção não se viu livre de discordâncias<sup>3</sup>. Além disso, o método traça a ligação entre literatura (e sua estética) e conhecimento histórico (e passado), mas não esclarece aos leitores como se dá a construção da representatividade aí concebida.

Assim como Grosse, Jan-Pieter Barbian oferece uma visão geral da “Região do Ruhr na literatura alemã”, segundo a qual se busca “uma seleção representativa de

---

<sup>2</sup> N.T.: Utilizamos esse termo seguindo a tradução de Otto Maria Carpeaux, no livro *A história concisa da literatura alemã*.

<sup>3</sup> Numerosas informações bibliográficas estão incorretas; diversas referências literárias do texto não estão listadas na bibliografia; vários nomes (a exemplo de “Peter Paul Zahn”, em vez de Peter-Paul Zahl), datas de publicações (como *Regers Union der festen Hand*, que apenas foi publicado em 1931) e informações (como no caso de “Werkleute auf Haus Nyland”, pertencente ao “Ruhrländkreis” e o “Dortmunder Gruppe 61”) estão equivocadas; informações factuais distorcidas, erradas (Paul Zech como representante do gênero Reportagem, algo que não lhe corresponde) ou mal interpretadas (por isso, a utilização da antologia de Köpping, *100 Jahre Bergarbeiter-Dichtung für die Breite der Ruhrgebietsliteratur*).

autores” (BARBIAN, 2007, p. 291), também segundo termos de um contexto sócio-histórico. Os textos citados variam desde a década de 1920, até 1990, porém têm seu foco na República de Weimar, época em que a área do Ruhr foi “descoberta”, em primeiro lugar, por escritores e jornalistas. Depois de duas breves colocações introdutórias sobre a situação durante o Terceiro Reich, e também sobre o período após a Segunda Guerra Mundial, Barbian volta-se, no capítulo final, a autores bastante diversos (Hans Dieter Baroth, Jürgen Lodemann, Ralf Rothmann), cujos romances, porém, são comparáveis em função de suas abordagens de teor autobiográfico.

Rainer Noltenius concentra-se no “Dortmunder Gruppe 61” e entende o Ruhr como “centro da literatura do mundo do trabalho industrial”, que teria iniciado “uma nova tradição” (NOLTENIUS, 1997, p. 229), e que, especialmente graças às suas abordagens literárias orientadas para o regional, também teria conseguido se alçar para além do regional. Porém, essa literatura não pôde ser poupada de cair em uma “profunda crise”, que lhe sobreveio entre o final da década de 1980 e início da década de 1990, provocada, segundo a visão de Noltenius, pelas rápidas e intensas modificações no mundo do trabalho. O problema dessa abordagem é a redução da vinculação da literatura do Ruhr a uma literatura do mundo operário, um vínculo já complicado de se sustentar, mesmo com relação aos anos de 1960 e sua literatura *pop*, *underground* e documental.

Do mesmo modo, o trabalho de Gerd Herholz (1998), “Alguns fragmentos da história literária recente (não apenas) da região Ruhr” [Einige Fragmente zur jüngeren Literaturgeschichte (nicht nur) des Ruhrgebietes], inicia com o “Dortmunder Gruppe 61”. Ao longo de quinze chamadas datas-chave, o autor realiza um percurso cronológico até 1997 e passa por diferentes estágios da “cena literária do Ruhr”, experimentando, assim, essa forma de historiografia literária regional orientada para eventos de caráter “nodal”, na qual também o conceito teórico-metodológico dessa representação apoia-se para desenvolver a historiografia literária regional. Se forem considerados diferentes setores do campo literário da “Região do Ruhr” (associações literárias, autoras e autores, instituições, locais de publicação, gêneros), torna-se claro que tais “pontos nodais” devem servir para relacionar uma literatura e uma sociedade ao espaço limitado de uma região.

Dessa problemática sobre uma relação recíproca também se ocupou Joachim Wittkowski, que em seu ensaio “Literatura na região” [Literatur in der Region], após delinear um panorama geral das pesquisas sobre a “literatura regional”, busca desenvolver possíveis abordagens com as quais autores e textos de uma determinada região pudessem

se relacionar, sem recaírem nas interpretações tradicionais (como na tradição de Nadler ou de August Sauer). Para esse fim, Wittkowski desenvolve um gráfico bidimensional em que a dimensão que inclui “geografia”, “dialetoлогия” e “infraestrutura literária” compreende critérios para a regionalidade (WITTKOWSKI, 2004, p. 181-184), enquanto a outra define um conjunto de critérios para a “atribuição da literatura a uma região”, incluindo “biografias”, “textos (de referência temática, de tradição literária, em dialeto)” e “recepções” (WITTKOWSKI, 2004, p. 184-189). O fato de que esse gráfico bidimensional capta e coloca os autores “atribuídos a uma região [...] no contexto de suas condições de produção e recepção” (WITTKOWSKI, 2004, p. 175) é ilustrado com exemplos de (toda a) literatura do Ruhr. Wittkowski também discute alguns dos problemas característicos de uma “literatura regional” assim construída, como o potencial receptivo limitado para alguns autores específicos (sendo Heinrich Kämpchen o exemplo mais antigo), ou certos tipos de textos (como autobiografias de trabalhadores ou romances policiais do Ruhr). Embora o modelo da relação recíproca entre literatura e região a ser desenvolvido aqui seja ainda incipiente, o trabalho de Wittkowski deixa claros dois aspectos importantes: primeiro, que sempre há um trabalho de construção subjacente à historiografia literária regional; segundo, que, com as mudanças a que um espaço regional está sujeito, também aquilo que corresponde à sua literatura deve ser constantemente reconcebido (reconstruído) enquanto contexto comunicativo e, finalmente, que também as interseções entre as tendências literárias e sociais na área delimitada de uma região devem ser sempre reconsideradas.

Outro dos poucos críticos a escreverem sobre a literatura atual do Ruhr foi Thomas Ernst, que em um longo artigo intitulado “O Ruhr na literatura contemporânea” [Das Ruhrgebiet in der Gegenwartsliteratur] explica de forma convincente como é possível estruturar textos, bem como autores, provenientes da nova história literária do Ruhr e sua “estética em parte completamente heterogênea”. Ernst, que também é o único que leva em conta e discute a pesquisa atual sobre literatura de regiões de fronteira, busca basear suas observações sobre toda a área – além dos textos conhecidos e “retratados” com autorreflexão da região (assim como Barbian) – em produtos literários não populares que, “por sua alta qualidade estética, também são percebidos externamente à região ou que convencem por meio de um acesso excepcional” (ERNST, 2010, p. 219). Dessa forma, Ernst não apenas coloca em foco autores e autoras que, até então, não haviam sido correlacionados com o espaço literário regional do Ruhr (como Sybille Berg, Thomas

Kapielski, Alexander Kluge, entre outros), mas também explora, até mesmo com maior intensidade, áreas que praticamente não eram percebidas como regiões literárias do Ruhr. Isso se aplica, por exemplo, à prosa experimental contemporânea (Jürgen Link), à literatura satírica (Eva Kurowski), à literatura de migração (Franz Hodjak) e, principalmente, à literatura *pop* de contracultura (Wolfgang Körner, Wolfgang Welt) e à literatura *pop* anarquista (Josef [Biby] Wintjes). De acordo com Ernst, ao lado da “clássica” literatura do Ruhr, aquela voltada ao mundo do trabalho industrial, foi criada uma (nova) “literatura contemporânea relacionada à era pós-industrial no Ruhr” (ERNST, 2010, p. 230) e, com ela, desenvolveu-se uma forma “rizomática” de textos adequada às condições geográficas e infraestruturais do Ruhr. Utilizando o modelo rizomático, Ernst consegue relacionar os textos a partir de suas estéticas individuais, às especificidades regionais e seus espaços, satisfazendo pontualmente o modelo do “contexto comunicativo do Ruhr”, proposto inicialmente por Wittkowsky.

#### **4. Regionalidade, globalidade e globalidade na regionalidade**

Outro horizonte a ser considerado diz respeito à relação entre regionalidade e globalidade, pois seria ingênuo querer dissociar regiões ou qualquer tipo de historiografia literária regional de seus contextos e condições circundantes. A partir da década de 1980, também as filologias nacionais passaram a estudar cada vez mais os fenômenos da globalização e seu impacto nas respectivas literaturas e culturas, bem como nos métodos e teorias. Disso resultaram importantes abordagens de pesquisa, que têm em comum o fato de terem ultrapassado o âmbito de uma ciência cultural nacional e monolíngue (AMANN; PARR; MY, 2008a).

Com uma ciência literária baseada em tais delimitações e sua teorização, as literaturas regionais, bem como as mais variadas formas de historiografia literária regional, à primeira vista, parecem ter chegado ao limite do interesse. Porém, ao mesmo tempo, no verso da crescente globalização desenvolveram-se tendências opostas, às quais pertence, de forma não menos importante, a crescente ênfase na regionalidade (POTT, 2002). Por um lado, isso ocorreu com intenção compensatória, mas, por outro, foi motivado pelo fato de que os efeitos dos processos de globalização manifestavam-se regional e localmente e, portanto, também foram assim discutidos e refletidos. A partir disso, conforme enfatizou Wilhelm Amann em relação a uma análise de Eberhard Lämmert (2005), com a crescente globalização “a questão sobre os regionalismos, para a Germanística”, estava longe de ser resolvida:

Pelo contrário: em face dos recentes acontecimentos e debates em torno dos refugiados, da xenofobia e do retorno às formas tradicionais de gestão de fronteiras, deveria haver muito mais atenção voltada a essa questão, uma questão que, sem dúvida, precisa ser complementada com ideias avançadas sobre regiões e regionalidades. (AMANN, 2016, p. 31)

Ao se observar que a globalização costuma ser identificada com as áreas urbanas com vários milhões de habitantes, com os fluxos migratórios, com a multiculturalidade e com os processos de transformação estrutural, a Região do Ruhr apresenta-se como um espaço regional que corresponde a quase todas as características constitutivas dessa mesma globalização (PARR, 2011), isto é, compreende uma população vasta e amplamente distribuída ao longo de grande variedade de meios sociais e culturais, com estilos de vida plurais, diversos elementos transnacionais e culturas provenientes de migrações (AMANN, 2008, p. 19). Com isso, como espaço regional, o Ruhr caracteriza o “binarismo clássico e assimétrico da ‘metrópole versus província’” (AMANN; MEIN; PARR, 2008b, p. 7), bem como o da “globalidade versus regionalidade” e o da “intra-versus interculturalidade”. Se, no entanto, os limites das literaturas nacionais podem ser ultrapassados nos sentidos “de dentro para fora” da globalização e “de fora para dentro” da regionalidade, então os conceitos da teoria espacial tornam-se o vínculo entre o polo da globalização e o da regionalidade no que tange aos estudos de literatura e aos estudos culturais. Isso também se aplica à historiografia literária regional, que dificilmente poderia ser concebida sem que se soubesse a localização geográfica dos autores, dos textos e da “vida literária” como contexto comunicativo (VORDEREGGER, 2010, 2013, 2016; BOSSE, 2013).

Por essa razão, nosso projeto “História literária do Ruhr desde 1960” busca realizar uma historiografia literária regional que dialogue com os conceitos de globalização e interculturalidade, de modo a propor uma Literatura que compreenda sua relação com a regionalidade mais em termos de *orientação*, do que de *dependência*. Questiona-se quais são os elementos discursivos atribuídos igualmente a textos e regiões e, portanto, como os processos semânticos e literários utilizados na discursivização da região estão emaranhados com os processos semânticos e literários de seus textos relevantes, e como os dois são igualmente utilizados no processo de constituição da “globalidade”, bem como no da “regionalidade”. Mas isso também significa que temos de nos perguntar de que forma a literatura concebeu a Região do Ruhr distintamente como objeto, em termos de conteúdo e de forma e estética, ou, ainda, qual imagem é esboçada a partir da Região do Ruhr e com base em qual conceito (implícito). Dessa forma, a região

é compreendida tanto diacrônica quanto sincronicamente como um “polissistema” linguístico, cultural e literário. Porém, isso traz novamente a questão da interculturalidade nos múltiplos planos que estão em jogo (e, com ela, uma perspectiva de tendência comparatista) (STRUTZ, 2013, p. 203 e 205). Desde a década de 1970, a literatura do Ruhr também tem relação com a literatura dos (operários) imigrantes que chegaram ao Ruhr na década de 1960 e que escrevem a respeito da região, ainda que não necessariamente o façam em língua alemã e, por isso, talvez, nem se dirijam, em primeiro lugar, ao público da região. É importante ainda refletir que o que hoje é considerado como a “Região do Ruhr” é, na verdade, uma paisagem que vem sendo interculturalmente influenciada desde o recrutamento dos mineiros no final do século 19, o que também se reflete na literatura de língua alemã dessa região, especialmente a de data mais recente, seja dentro de sua representação literária, seja em relação às biografias de seus autores. E, finalmente, deve-se abordar as semantizações interculturais da Região do Ruhr como espaço que produz autores ou textos individualmente pela/para a Região do Ruhr.

### **5. Conceito e objetivo**

Como conclusão do levantamento das presentes abordagens da historiografia literária regional e da relação entre literatura e região, pode-se inferir que há nelas um potencial produtivo, apesar de suas múltiplas propostas não diretamente relacionadas a um “fenômeno de globalização *na* regionalidade” no que tange à história da literatura do Ruhr. Por essa razão, o projeto buscou, em primeiro lugar, desenvolver uma abordagem teórico-metodológica da historiografia literária regional que pudesse ser manipulada de maneira flexível ao longo de seções históricas longitudinais, nas quais a Região do Ruhr seja compreendida não apenas como um espaço literário e midiático, mas, ao mesmo tempo, como espaço construído. Apesar do emprego quase terminológico em Pierre Bourdieu (1999), “espaço”, “prática cultural” e “campo” são, porém, nada mais do que paráfrases metafóricas explicativas de um contexto de ação e comunicação mensurado e cada vez mais acuradamente pesquisado e descrito. Isso a historiografia literária regional do Ruhr deve especificar teórica e metodologicamente como uma forma densa de comunicação midiático-literária, devendo-se observar que o constructo “regionalidade” não permanece estável por longos períodos de tempo (e absolutamente não no caso da Região do Ruhr), mas, dentro e através da comunicação midiático-literária, ele é sempre revisto e reconsiderado a partir de uma nova perspectiva. Nesse sentido, o acesso teórico-literário-histórico a tal constructo deve garantir certa flexibilidade e adaptabilidade, sendo

capaz de representar a regionalidade repetidas vezes como resultado da comunicação midiático-literária *na* região e *da* região, incluindo o desenvolvimento histórico dessa referência. Nesse contexto, Amann aponta que uma “vantagem da categoria de regionalidade” é que ela “é [...] capaz de estar conectada [...] a formas já existentes de ordenamento socioespacial” e, acima de tudo, leva em conta “sua transformação”. Tal categoria mostra-se, entre outras coisas, relevante na “renovação e reinterpretação de espaços”:

Esses (espaços) abrangem espaços sociais políticos, econômicos, midiáticos, científicos e culturalmente construídos que se sobrepõem. Embora ainda estejam ligados à territorialidade, não têm relação com a adaptação a um ambiente físico, mas com o desenvolvimento de uma parcela da sociedade. (AMANN, 2016, p. 35)

Além disso, a literatura do Ruhr no exterior, bem como sua autorrepresentação, até hoje se mostra como uma literatura que se opõe tanto à literatura popular mundial de *best-sellers*, quanto à literatura artística da República Federal da Alemanha, revelando-se, por vezes, como uma forma de contra-literatura subversiva (por exemplo, Wolfgang Welt, Jürgen Link, Erasmus Schöfer e alguns outros), ou ainda como “apenas” literatura regional, como no caso do romance policial do Ruhr, às vezes como autenticidade literária resultante de uma preocupação específica (como no caso da literatura do “Círculo Literatura do Mundo Operário” dos migrantes e da literatura feminina da década de 1970).

Tanto a globalidade na regionalidade quanto a relação entre a literatura popular e a literatura regional implicam constantes mudanças na construção da própria literatura e, conseqüentemente, também na estruturação do contexto comunicativo literário regional denominado “Região do Ruhr”. Uma história literária que leve isso em consideração deve, portanto, a partir de seus conceitos básicos, ser capaz de representar continuidades e descontinuidades, embora essas também possam se referir a autores individuais que tenham, por exemplo, modificado a maneira como escrevem e, implícita ou explicitamente, a incidência de sua poética no decorrer do tempo. Por essa razão, em seu artigo de revisão sobre o Ruhr na literatura contemporânea, Ernst trabalha na descrição da “estética completamente díspar” dos vários subcampos da literatura do Ruhr (ERNST, 2010, p. 219).

Antes de estabelecer o plano de fundo de tal disparidade, foi necessário conceber eixos significativos de relevância para a representação histórico-literária do desenvolvimento da literatura do Ruhr, de 1960 até o presente, mais precisamente, aqueles que evitam as aporias de uma perspectiva meramente regionalista e restritiva,

bem como os problemas gerais que se esboçam na historiografia literária. Mesmo a historiografia literária recente, produzida depois de 1968, tem recebido duas críticas constantes: a primeira é a de reduzir textos altamente individuais a exemplaridades de ideias, gêneros, correntes ou épocas; a segunda é a de associar questionáveis *grands récits* de ascensão e declínio, apogeu, destaques, excluídos, bem como peculiaridades nacionais e regionais (FLORACK, 2003; SCHÖNERT, 2007). No entanto, esses são precisamente conceitos de narrativa que tornam possível, em primeiro lugar, fornecer conhecimento biográfico, analítico-textual e contextual na forma de material histórico-literário em linhas de desenvolvimento, às vezes mais, às vezes menos teleológica e, conseqüentemente, linearmente orientadas. Para uma história literária da Região do Ruhr após 1960, esse dilema torna a se multiplicar, já que as comparações com outros autores, movimentos e programas necessários para qualquer tipo de escrita da história literária não podem ser extraídas apenas da própria região. Um exemplo é a discussão travada incessantemente, desde a década de 1970, sobre a escrita “realista”.

### **5.1 Implementação teórico-metodológica: os “pontos nodais”**

Uma maneira de aplicar os objetivos resultantes da reflexão teórica consiste em elaborar a história literária do Ruhr em consonância com e aprofundando o modelo desenvolvido por Alexander Honold e Klaus R. Scherpe (2004) em sua “Kulturgeschichte des Fremden” [História cultural do estrangeiro]. Ao fazê-lo, eles renunciam às narrativas abrangentes/transversais ao longo das quais os materiais são apresentados e, em vez disso, tentam se concentrar em “pontos nodais” ou “culminantes” de natureza eventual (Ereignischarakter), a partir dos quais, para cada uma das múltiplas perspectivas dos leitores, novas conexões com outros nós podem ser constantemente criadas. Cada um desses nós deve compor um problema geral, além das razões concretas. Dentro de um ponto nodal, “abrem-se”, desse modo, “perspectivas de *longue durée*, em linhas históricas temáticas ou sistemáticas”, e as “análises detalhadas das obras e as digressões histórico-midiáticas” encontram seu lugar (HONOLD; SCHERPE, 2005, p. 21).

Em termos de escrita da história literária regional, isso significa confrontar a literatura de sistema de ação [Handlungssystem Literatur] (sobre a qual se destacam principalmente os trabalhos anteriores sobre a escrita da história literária regional) com a literatura de sistema de símbolos [Symbolsystem Literatur] (e, portanto, com a estética concreta dos textos individuais). Esse modelo de “pontos nodais” é, portanto, enfatizado de modo diferente do de David E. Wellbery et al. (2007), em “Neue Geschichte der

deutschen Literatur” [Nova História da Literatura Alemã], que traz basicamente uma forma alternativa de apresentação (HUBER, 2012). Isso porque a ordem e também a nomeação das seções/capítulos seguem estritamente a cronologia, mas apesar da referência ao modelo de história proposto por Walter Benjamin, ele não está interessado em quais itens podem funcionar como nós de uma maneira especial. Mas isso, por si só, torna possível, em primeiro lugar, relacionar as discontinuidades (também a singularidade estético-literária) às continuidades (e não apenas àquelas de natureza espacial) e vice-versa.

Portanto, essa forma proposta de escrita da história literária regional como peça teórico-metodológica central deve se basear em uma teoria nodal que seja bastante precisa e coordenada, o que representa uma parte significativa do trabalho de pesquisa a ser realizado, pois aquilo que se apresenta relevante como ponto nodal deve, antes de mais nada, ser elaborado a partir das fontes, das recepções, das discussões, das correspondências e, ocasionalmente, também dos patrimônios e legados. Caso contrário, as estruturas assumidas seriam arbitrariamente projetadas no material. Quanto mais minuciosa e precisamente os nós forem desenvolvidos a partir das fontes, melhores serão as oportunidades de interação dentro da história literária do Ruhr.

Uma história literária regional concebida dessa forma apresenta uma série de vantagens, pois traz, em primeiro lugar, uma concepção ampliada de literatura, integrando a alta literatura institucionalizada e a literatura popular, e compreendendo ainda os textos como atos sociais dentro dos limites de um espaço geográfico. Isso também se aplica à justaposição de formas de escrita dominantes e experimentais. Em segundo lugar, esse modo de história literária regional contempla as especificidades de cada texto e sua análise precisa, sem colocá-los em posição dominante em relação às linhas de desenvolvimento, isto é, oferece a vantagem – em termos sistêmico-teoréticos – de correlacionar o sistema de símbolos da *literatura* regional com o sistema de ação da *literatura regional*. Em terceiro lugar, ela se baseia em uma compreensão não teleológica da evolução histórica, pois os processos histórico-literários já não são mais necessariamente vistos como um *continuum*, ou seja, eles também podem ser concebidos de modo descontínuo dentro dessa abordagem. Isso também se aplica aos autores e suas obras, que não precisam mais ser considerados entidades “unidimensionais” e imutáveis, visto que também podem apresentar rupturas, transformações e reorientações. Em quarto lugar, ela torna possível integrar tendências multiculturais na literatura do Ruhr e, com

elas, aspectos interculturais, tais como as mudanças que ocorrem no campo da literatura dessa região por meio do surgimento da escrita produzida pelos trabalhadores imigrantes (Gastarbeitern). Em quinto lugar, ela permite romper com a ideia de que as épocas são como seções compartimentadas de sentido e evolução, nas quais os textos e autores devem ser inseridos. Assim, também a justaposição de formas de escrita, textos e conceitos que não compartilham o mesmo momento histórico pode ser levada em conta. No entanto, a representação de constelações sincrônicas e – contrariamente às narrativas histórico-literárias que escondem o trabalho individual em favor da apresentação de contextos globais – a análise/interpretação dos trabalhos individuais não precisam ser totalmente dispensadas ao longo dos pontos nodais. Em sexto lugar, ela possibilita, sempre que necessário, olhar além dos limites da região e incorporar aspectos culturais e midiáticos, de modo que, com essa forma de escrita da história literária, emerge um panorama abrangente do campo literário-cultural chamado “Região do Ruhr”. Com isso, não é mais favorecida uma única interpretação histórico-desenvolvimentista, mas, em vez disso, dentro dos limites permitidos pelo material, abrem-se espaços para contextos histórico-literários de diferentes feições. Finalmente, em sétimo lugar, esse conceito permite que se perceba que o espaço geográfico e cultural da “Região do Ruhr”, desde 1960, modificou-se muitas vezes, expandindo-se e novamente se estreitando continuamente.

Dos “pontos nodais” da história literária do Ruhr surgem múltiplas perspectivas sobre a interação entre literatura e regionalidade sob as condições da globalização. A “qualidade” dos nós reflete-se em quantas autoras, quantos autores e textos eles são capazes de integrar. Em geral, cada ponto nodal sobrepõe-se de tal maneira, que eles cobrem simultaneamente a lista cronológica das autoras, dos autores e dos textos a serem considerados.

## **Referências**

AMANN, Wilhelm. ‘Regionalität’ in den Kulturwissenschaften. In: AMANN, Wilhelm; MEIN, Georg; PARR, Rolf. (Org.). *Periphere Zentren oder zentrale Peripherien? Kulturen und Regionen Europas zwischen Globalisierung und Regionalität*. Heidelberg: Synchron, 2008, p. 13-30.

AMANN, Wilhelm; MEIN, Georg; PARR, Rolf. (Org.). *Periphere Zentren oder zentrale Peripherien? Kulturen und Regionen Europas zwischen Globalisierung und Regionalität*. Heidelberg: Synchron, 2008a.

AMANN, Wilhelm. Transformationen von Regionalität in wissenschaftlichen und literarischen Diskursen. In: CASPERS, Britta et. al. (Org.). *Theorien, Modelle und Probleme regionaler Literaturgeschichtsschreibung*. Essen: Klartext, 2016, p. 31-41. (Schriften des Fritz-Hüser-Instituts, Vol. 30).

AMANN, Wilhelm; MEIN, Georg; PARR, Rolf. (Org.). Räume im Fluss: Lokal, global, regional. In: DIES (Org.). *Periphere Zentren oder zentrale Peripherien? Kulturen und Regionen Europas zwischen Globalisierung und Regionalität*. Heidelberg: Synchron: 2008b, p. 7-11.

AMANN, Wilhelm; MEIN, Georg; PARR, Rolf. (Org.). *Globalisierung und Gegenwartsliteratur*. Konstellationen, Konzepte, Perspektiven. Heidelberg: Synchron, 2010.

BARBIAN, Jan-Pieter. "Schau in den Ofen, da glüht die Kraft". Der Widerschein des Ruhrgebiets in der deutschen Literatur des 20. Jahrhunderts. In: DITT, Karl; TENFELDE, Klaus (Org.). *Das Ruhrgebiet in Rheinland und Westfalen*. Paderborn: Schöningh, 2007, p. 289-311.

BERKING, Helmut. Raumtheoretische Paradoxien im Globalisierungsdiskurs. In: BERKING, Helmut (Org.). *Die Macht des Lokalen in einer Welt ohne Grenzen*. Frankfurt a.M./New York: Campus, 2006, p. 7-22.

BÖHLER, Michael. Von Stämmen zu Systemen. Über den theoretischen Umgang der Germanistik mit Einheit und Vielfalt im deutschsprachigen Kulturraum. In: Trilateraler Forschungsschwerpunkt. Differenzierung und Integration. Sprache und Literatur deutschsprachiger Länder im Prozeß der Modernisierung. *Mitteilungs-Bulletin*, n. 2, 1993, p. 7-26.

BÖHLER, Michael. Eindimensionale Literatur. Zur Raumlosigkeit der Sozialgeschichte. In: HUBER, Martin; LAUER, Gerhard (Org.). *Nach der Sozialgeschichte. Konzepte für eine Literaturwissenschaft zwischen Historischer Anthropologie, Kulturgeschichte und Medientheorie*. Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 129-153.

BOSSE, Anke. Regionale Literaturgeschichtsschreibung zwischen lingualem, territorialem und temporalem Prinzip. In: CESCUTTI, Marjan; HOLZNER, Johann; VORDEREGGER, Roger (Org.). *Raum – Region – Kultur. Literaturgeschichtsschreibung im Kontext aktueller Diskurse*. Innsbruck, 2013, p. 147-154 (Schlern-Schriften, v. 360).

BOURDIEU, Pierre. *Die Regeln der Kunst*. Genese und Struktur des literarischen Feldes. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1999.

BREUER, Dieter. Warum eigentlich keine bayerische Literaturgeschichte? Defizite der Literaturgeschichtsschreibung aus regionaler Sicht. In: SCHÖNE, Albrecht Schöne (Org.). *Kontroversen, alte und neue*. Akten des VII. Internationalen Germanisten-Kongresses, v. 10. Vier deutsche Literaturen. Tübingen: Niemeyer, 1986, p. 5-13.

BUSCHMEIER, Matthias; ERHART, Walter; KAUFFMANN, Kai (Org.). *Literaturgeschichte*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2014 (STSL, v. 138).

ECKER, Hans-Peter. Region und Regionalismus. Bezugspunkte für Literatur oder Kategorien der Literaturwissenschaft? In: *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*, v. 63, 1989, p. 295-314.

ERNST, Thomas. Das Schwarze sind die Buchstaben. Das Ruhrgebiet in der Gegenwartsliteratur – ein Überblick. In: ERNST, Thomas; NEUNER, Florian (Org.). *Das Schwarze sind die Buchstaben*. Das Ruhrgebiet in der Gegenwartsliteratur. Oberhausen: Asso, 2010, p. 216-273.

FLORACK, Ruth. Nationale Eigentümlichkeit: eine (un)verzichtbare Größe der Literaturgeschichtsschreibung. In: *Der Deutschunterricht*, ano 55, 2003, v. 6, p. 36-43.

GÖDDEN, Walter. *Chronik der westfälischen Literatur 1945–1975*. 2 v. Bielefeld: Aisthesis, 2016.

GROSSE, Siegfried. Texte und Literatur. In: KÖLLMANN, Wolfgang et. al. (Org.). *Das Ruhrgebiet im Industriezeitalter*. Geschichte und Entwicklung. V. 2. Düsseldorf: Schwann, 1990, p. 291-337.

HALLENBERGER, Dirk. *Industrie und Heimat*. Eine Literaturgeschichte des Ruhrgebiets. Essen: Klartext, 2000.

HARTMANN, Regina. “Regionalität” – “Provinzialität”? Zu theoretischen Aspekten der regionalliterarischen Untersuchungsperspektive. In: *Zeitschrift für Germanistik*, ano. 7, 1997, v. 3, p. 585-598.

HERHOLZ, Gerd. Das Revier: Fund- oder Fallgrube für Literaten? Einige Fragmente zur jüngeren Literaturgeschichte (nicht nur) des Ruhrgebiets. In: GÖDDEN, Walter (Org.). *Literatur in Westfalen*. Beiträge zur Forschung 4. Paderborn: Schöningh, 1998, p. 281-302.

HERMSDORF, Klaus. Regionen deutscher Literatur 1870-1945. Theoretische und typologische Fragen. In: *Zeitschrift für Germanistik*, ano. 3, 1993, p. 7-17.

HERMSDORF, Klaus. *Regionalität und Zentrenbildung*. Kulturgeographische Untersuchungen zur deutschen Literatur 1870–1945. Mit einem statistischen Anhang von Rita Klis. Frankfurt a.M.: Lang, 1999 (Literatur – Sprache – Region, v. 2).

HEYDEBRAND, Renate von. *Literatur in der Provinz Westfalen 1815-1945*. Ein literarhistorischer Modell-Entwurf. Münster: Regensberg, 1983 (Geschichtliche Arbeiten zur Westfälischen Landesforschung. Geistesgeschichtliche Gruppe, v. 2).

HONOLD, Alexander; SCHERPE, Klaus R. (Org.). *Mit Deutschland um die Welt*. Eine Kulturgeschichte des Fremden in der Kolonialzeit. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2004.

HUBER, Martin. Literaturgeschichtsschreibung revisited. Neue Modelle und alte Fragen. In: *Mitteilungen des Deutschen Germanistenverbandes*, ano. 59, 2012, v. 4, p. 321-332.

JOACHIMSTHALER, Jürgen. Die Literarisierung einer Region und die Regionalisierung ihrer Literatur. In: INSTYTUT FILOLOGII GERMAŃSKIEJ DER UNIWERSYTET OPOLSKI (Org.). *Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft*. Frankfurt a.M: Lang, 2002, p. 17-49 (Oppelner Beiträge zur Germanistik, v. 6).

JOACHIMSTHALER, Jürgen. Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft. In: INSTYTUT FILOLOGII GERMAŃSKIEJ DER UNIWERSYTET OPOLSKI (Org.). *Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft*. Frankfurt a.M: Lang, 2002, p. 491-501. (Oppelner Beiträge zur Germanistik, v. 6).

JOACHIMSTHALER, Jürgen. Daten und Vorstellungsbilder. Literatur über eine Region. In: CASPERS, Britta et. al. (Org.). *Theorien, Modelle und Probleme regionaler Literaturgeschichte*. Essen: Klartext, 2016, p. 57-72. (Schriften des Fritz-Hüser-Instituts, Bd. 30)

LÄMMERT, Eberhard. Germanistik global – ein Paradox? Über die Zukunft einer Regionalwissenschaft. In: BEIL, Ulrich J.; DORNBUSCH, Claudia; NOMURA, Masa (Org.). *Blickwechsel*. Akten des XI. Lateinamerikanischen Germanistenkongresses São Paulo/ Parati/Petrópolis, 2003, v. 2. São Paulo: Monferrer Produções, 2005, p. 353-367.

LINDNER, Rolf (Org.). *Die Wiederkehr des Regionalen*. Über neue Formen kultureller Identität. Frankfurt a. M./New York: Campus, 1994.

LUKÁCS, Georg. *Die Eigenart des Ästhetischen*. Darmstadt/Neuwied: Luchterhand, 1963 (Georg Lukács Werke, v. 11 e 12).

MALER, Anselm. *Literatur und Regionalität*. Frankfurt a.M.: Lang, 1997 (Studien zur Neueren Literatur, v. 4).

MECKLENBURG, Norbert. *Erzählte Provinz*. Regionalismus und Moderne im Roman. Königstein i. Ts.: Athenäum, 1982.

MECKLENBURG, Norbert. Stammesbiologie oder Kulturraumforschung? Kontroverse Ansätze zur Analyse regionaler Dimensionen der deutschen Literatur. In: SCHÖNE, Albrecht (Org.). *Akten des VII. Internationalen Germanisten-Kongresses Göttingen 1985*. Kontroversen, alte und neue, v. 10. Vier deutsche Literaturen. Tübingen: Niemeyer 1986, p. 3-15.

MECKLENBURG, Norbert. Wieviel Heimat braucht der Mensch? Gedanken über Beziehungen zwischen Literatur und Region. In: RITTER, Alexander (Org.). *Literaturen in der Provinz – provinzielle Literatur? Schriftsteller einer norddeutschen Region*. Heide i. Holstein: Boyens, 1991, p. 11-30.

MEIER, Albert. Literaturgeschichte. In: ARNOLD, Heinz Ludwig Arnold; DETERING, Heinrich (Orgs.). *Grundzüge der Literaturwissenschaft*. München: dtv 1996, p. 570-584.

MICHLER, Werner. Zur Geschichte regionaler Literaturgeschichte. In: BRANDTNER, Andreas; MICHLER, Werner (Orgs.). *Zur regionalen Literaturgeschichte*. Fallstudien/Entwürfe/Projekte. Linz: StifterHaus, 2007, p. 20–36 (Schriften zur Literatur und Sprache in Oberösterreich, v. 11).

MISSINE, Lut; EICKMANS, Heinz. Die niederländische Prosaliteratur nach 1945: ein Überblick. In: WIELENGA, Friso; WILP, Markus (Orgs.). *Die Niederlande*. Ein Länderbericht. Berlin: Bundeszentrale für politische Bildung, 2015, p. 515-544. (Schriftenreihe, v. 1624)

NADLER, Josef. *Literaturgeschichte der deutschen Stämme und Landschaften*. V. 1-4. Regensburg: Habel, 1911-1927.

NOLTENIUS, Rainer. Das Ruhrgebiet – Zentrum der Literatur der industriellen Arbeitswelt seit 1960. In: EHLICH, Konrad; ELMER, Wilhelm; NOLTENIUS, Rainer (Org.) *Sprache und Literatur an der Ruhr*. 2. erw. Aufl., Essen: Klartext, 1997, p. 229-241.

OELLERS, Norbert. Geschichte der Literatur in den Rheinlanden seit 1815. In: PETRI, Franz; DROEGE, Georg. *Wirtschaft und Kultur im 19. und 20. Jahrhundert*. Düsseldorf: Schwann, 1979, p. 559-696. (Rheinische Geschichte, v. 3)

OELLERS, Norbert. Aspekte und Prinzipien regionaler Literaturgeschichtsschreibung. In: GRUND, Uwe; SCHOLDT, Günter (Orgs.). *Literatur an der Grenze*. Der Raum Saarland–Lothringen–Luxemburg–Elsaß als Problem der Literaturgeschichtsschreibung. Festgabe für Gerhard Schmidt-Henkel. Saarbrücken: Saarbrücker Dr. und Verl. 1992, p. 11-21.

PARR, Rolf. Von der völkischen Literaturgeschichtsschreibung zur kulturwissenschaftlichen Diskursanalyse. Forschungsansätze zum Verhältnis von Literatur und Region. In: BERGHAHN, Cord-Friedrich et. al. (Orgs.). *Literarische Harzreisen*. Bilder und Realität einer Region zwischen Romantik und Moderne. Bielefeld: Verlag für Regionalgeschichte, 2008, p. 13-32.

PARR, Rolf. Ab in die ›Mitten‹. Von alten und neuen ‘mental maps’ des Ruhrgebiets. In: RUPP, Gerhard; PALM, Hanneliese; VORBERG, Julia (Orgs.). *Literaturwunder Ruhr*. Essen: Klartext, 2011, p. 21-42. (Schriften des Fritz-Hüser-Instituts, v. 20)

PARR, Rolf. Das Projekt einer “Literaturgeschichte des Ruhrgebiets seit 1960”. In: CASPERS, Britta; HALLENBERGER, Dirk; JUNG, Werner, PARR Rolf (Orgs.): Theorien, Modelle und Probleme regionaler Literaturgeschichtsschreibung. Essen: Klartext 2016, p. 5-29. (Schriften des Fritz-Hüser-Instituts für Literatur und Kultur der Arbeitswelt, v. 30)

PFAFFENBERGER, Wolfgang. *Blütezeiten und nationale Literaturgeschichtsschreibung*. Eine wissenschaftsgeschichtliche Betrachtung. Frankfurt a.M./Bern: Lang, 1981 (Europäische Hochschulschriften, v. 253).

POTT, Hans-Georg. Regionale Kulturen und Globalisierung. In: JOHANNING, Antje; LIESER, Dietmar (Orgs.). *StadtLandFluß*. Urbanität und Regionalität in der Moderne. Festschrift für Gertrude Cepl-Kaufmann zum sechzigsten Geburtstag. Neuss: Ahasvera, 2002, p. 21-28.

SCHMIDT, Johannes. Die Vorzüge der Literaturgeschichte. Eine Neuauflage der von David E. Wellbery herausgegebenen “Neuen Geschichte der deutschen Literatur”. [http://www.literaturkritik.de/public/druckfassung\\_rez.php?rez\\_id=20705](http://www.literaturkritik.de/public/druckfassung_rez.php?rez_id=20705) (Acesso em 20/06/2015).

SCHÖNERT, Jörg. Literaturgeschichtsschreibung. In: ANTZ, Thomas (Org.). *Handbuch Literaturwissenschaft*, v. 2, Methoden und Theorien. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2007, p. 267-284.

SCHÜTZ, Erhard. *Ruhrgebiet, literarisch*. Einige nicht unpolemische Bemerkungen zur aktuellen Ruhrgebietsliteratur. In: Revier-Kultur, ano 1, 1986, v. 2, p. 46-54.

STRUTZ, Johann. Regionalität und Komparatistik. In: ZYMNER, Rüdiger; HÖLTER, Achim (Orgs.). *Handbuch Komparatistik*. Theorien, Arbeitsfelder, Wissenspraxis. Stuttgart/Weimar: Metzler, 2013, p. 202-206.

STÜBEN, Jens. ‘Regionale Literatur’ und ‘Literatur in der Region’. Zum Gegenstandsbereich einer Geschichte der deutschen Literatur in den Kulturlandschaften Ostmitteleuropas. In: INSTYTUT FILOLOGII GERMAŃSKIEJ DER UNIWERSYTET

OPOLSKI (Org.). *Regionalität als Kategorie der Sprach- und Literaturwissenschaft*. Frankfurt a.M.: Lang, 2002, p. 51-75. (Oppelner Beiträge zur Germanistik, v. 6)

TOMMEK, Heribert. *Der lange Weg in die Gegenwartsliteratur. Studien zur Geschichte des literarischen Feldes in Deutschland von 1960 bis 2000*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2015 (Studien und Texte zur Sozialgeschichte der Literatur, v. 140).

UNGERN-STERNBERG, Armin von. *„Erzählregionen“*. Überlegungen zu literarischen Räumen mit Blick auf die deutsche Literatur des Baltikums, das Baltikum und die deutsche Literatur. Bielefeld: Aisthesis, 2003.

VORDEREGGER, Roger. Regionale Literaturgeschichtsschreibung. Ein Problemaufriss, eine Perspektive. In: *Jahrbuch Franz-Michael-Felder Archiv der Vorarlberger Landesbibliothek*, v. 1, 2010, p. 7-19.

VORDEREGGER, Roger. Literaturgeschichte oder Kulturraumforschung? Methodologische und systematische Problemstellen regionaler Literaturgeschichtsschreibung. In: CESCUTTI, Marjan; HOLZNER, Johann; VORDEREGGER, Roger (Orgs.). *Raum – Region – Kultur*. Literaturgeschichtsschreibung im Kontext aktueller Diskurse. Innsbruck 2013, p. 13-24 (Schlern-Schriften, v. 360).

VORDEREGGER, Roger, *Theorien und Probleme regionaler Literaturgeschichtsschreibung Projektbeschreibung*. <http://www.uibk.ac.at/brenner-archiv/projekte/theorienundproblemereg/> (Acesso em 7/12/2013).

VORDEREGGER, Roger. Zu einigen Problemstellungen regionaler Literaturgeschichtsschreibung und zum Verhältnis von regionaler, nationaler und transnationaler Perspektive. In: CASPERS, Britta et.al. (Orgs.). *Theorien, Modelle und Probleme regionaler Literaturgeschichtsschreibung*. Essen: Klartext, 2016, p. 43–55. (Schriften des Fritz-Hüser-Instituts, v. 30)

WAGNER-EGELHAAF, Martina (Org.). *Region – Literatur – Kultur*. Regionalliteraturforschung heute. Bielefeld: Aisthesis, 2001 (Veröffentlichungen der Literaturkommission für Westfalen, v. 2).

WELLBERY, David E. et. al. (Orgs.). *Eine Neue Geschichte der deutschen Literatur*. Berlin: bup, 2007.

WHITE, Hayden. *Auch Klio dichtet oder die Fiktion des Faktischen*. Studien zur Topologie des historischen Diskurses. Stuttgart: Klett Cotta, 1991.

WITTKOWSKI, Joachim. Literatur in der Region. Aspekte der Gegenstandsbestimmung (mit Beispielen aus der Literatur im Ruhrgebiet). In: ZAIB, Volker (Org.). *Kultur als Fenster zu einem besseren Leben und Arbeiten*. 2. ed., Bielefeld: Aisthesis, 2004, p. 173-194.